

## **As Humanidades Digitais e alguns dos questionamentos que nos atravessam no presente.**

Ricardo M. Pimenta<sup>1</sup>

O que leva um estudante de História ou de outra disciplina das Humanidades a se debruçar, para além das fontes presentes em arquivos e bibliotecas, ou mesmo de depoimentos dados por sujeitos de história relevante para a pesquisa, sobre listas de *script* e linguagens de programação como R ou Python com o intuito de produzir conhecimento em sua respectiva área?

Necessidade? Inovação? Escassez de fontes e recursos? Mudanças na formação de sua respectiva área? Todas as perguntas são respondidas de mesma maneira afirmativa. E aqui tentarei brevemente explicá-las.

O primeiro ponto, necessário, é compreender que as Humanidades Digitais tratam de representar/performar uma outra forma, mais atualizada com nossa cultura material e info-comunicacional, de práticas acadêmicas, de pesquisa e, sobretudo pedagógicas — como podemos conferir conhecido artigo “*What is Digital Humanities and what’s it doing in English Departments?*”, de Matthew Kirschenbaum (2010). É, portanto, uma necessidade crescente daqueles que, no campo das ciências humanas, sociais e sociais aplicadas — aqui compreendidas enquanto Humanidades —, se deparam mais e mais com fenômenos sociais e objetos de pesquisa que são nascidos digitais.

Nesse mesmo contexto, é por meio da necessidade que a inovação se faz presente. A formulação de novos meios de organização da informação e do conhecimento; de suas respectivas recuperação e acesso possibilitam ao pesquisador contemporâneo maior competência técnica e crítica para tratar as fontes de pesquisa originalmente digitais. Afinal, ao produzirmos mundialmente cerca de 2.5 petabytes (quintilhões de bytes) de dados por dia, se torna evidente que a produção e circulação compulsória de fontes digitais no espaço *web* é hoje algo sem qualquer similaridade na

---

<sup>1</sup> Historiador e Doutor em Memória Social. Pesquisador Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFRJ. Pesquisador 2 do CNPq; Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Coordenador do Laboratório em Rede de Humanidades Digitais (Larhud) do IBICT.

história social do conhecimento *a la* Peter Burke (2003, 2012). Paradoxalmente ainda há espaço para a afirmativa de que, por um lado, há escassez de fontes e recursos pois ao final e ao cabo a comunicação entre sujeitos sociais e instituições vem adotando cada vez mais a mediação digital.

O documento em papel se torna progressivamente menos presente e, portanto, não é de se estranhar que gradualmente menos se recolherá aos arquivos públicos para futuros historiadores extraírem aquilo que hoje algoritmos passam na frente no que tangem as ações de coleta, separação, concentração e processamento de dados em “informações de uma forma diferente àquela inicialmente posta em seu lugar de produção original” (PIMENTA, 2017, p.19).

Sem embargo, esforços no que tangem à formação de novos pesquisadores das Humanidades, em direção às práticas transdisciplinares e ao diálogo com setores disciplinares da computação, por exemplo, tem sido realizado pelos que hoje são identificados como humanistas digitais. Logicamente, há de se ressaltar o árduo trabalho em se dispor de recursos tecnológicos e investimentos desse rol para a produção do conhecimento humanista no Sul Global e, em especial no Brasil do negacionismo científico e das *Fake News*. Apesar de concordar com o senso comum de que não há nada de “novo sob o sol”, no que toca o descaso das políticas de fomento à pesquisa para áreas como as Humanidades; é na saída pelo digital que mudamos a cena e permanecemos na luta pela compreensão dos fenômenos sociais. Pelo recurso de produção de novas formas de visibilidade da informação; de análise de fontes — sendo elas dados ou informações, mas sempre em grande volume — e de novas formas de leitura e escrita onde imagens e dados interligados constituem novas formas de comunicação entre pares e de publicização/divulgação da ciência.

Está aí uma “comunidade de práticas” (ALVES, 2016) que “floresce” à medida que os métodos digitais e toda sorte de recursos ora para a pesquisa, ora para o ensino, vem mudando a forma como divulgamos, comunicamos e analisamos pesquisas onde o fator social, político, cultural, entre outros, são atravessados pelo digital quando não somente compreendidos por meio de seu emprego.

## Referências:

ALVES, Daniel. As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. *Ler História* [Online], 69 | 2016. Acesso em 10 Abril 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/2496>>. Acesso em 02 mai 2021.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *Uma história social do conhecimento: da Enciclopédia à Wikipédia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

KIRSCHENBAUM, Matthew. What is Digital Humanities and what's it doing in English Departments? *ADE Bulletin*, 150., 2010. Pg. 60. Disponível em : <<http://mkirschenbaum.files.wordpress.com/2011/03/ade-final.pdf> >. Acesso em 03 mai 2021.

PIMENTA, Ricardo Medeiros. Nosso futuro em um post. Cultura da velocidade, Big Data e o novo desafio dos “peixes” para os historiadores da era digital. *Revista TransVersos*, [S.l.], n. 11, p. 09-22, dez. 2017. ISSN 2179-7528. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/31510>>. Acesso em: 04 maio 2021.